

Carolina Gabriella Monteiro dos Santos¹

Fernanda Tainá da Silva²

Mara Antunes Ribas³

Márcio Luís Marangon⁴

INTRODUÇÃO

De antemão, antes de qualquer movimento, para não perder-se no que se busca analisar, é importante analisar a palavra “docente”. Docente, em sua etimologia, provém de *docere* (ensinar) e simboliza o papel “daquele que ensina”, logo, já temos pela própria palavra uma identidade: o papel de ensinar. Ensinar, por sua vez, vem de *insignare* (gravar, colocar uma marca em), representando as “marcas” deixadas por um indivíduo sobre o outro.

O fato de “marcar” alguém traz em si uma enorme responsabilidade, por muitas vezes desmerecida - ou desconhecida - pelos profissionais. Cientes de que o marcar pode ser algo positivo, ou negativo (para si e para sociedade), o conceito deveria colocar ao ser humano - que se propõe a ser docente - um profundo questionamento capaz de relegar uma clareza as “necessárias marcas”: afinal, qual o sentido da docência? O que deve ser marcado? Como?

Como menciona Jaeger (2013, p.02) “a educação participa na vida e no crescimento da sociedade, tanto no seu destino exterior como na sua estruturação interna e desenvolvimento espiritual”, desta forma, a educação coloca-se diante da estabilidade de valores de cada sociedade. Logo, acredita-se que o docente coloca-se como um “marcador”, gravando nos educandos a base cultural que lhes servirá como estrutura na construção de novos saberes, bem como, na autoconsciência e também na relação destes com a sociedade e com os outros, em outras palavras, cabe a hipótese de que designa-se ao docente construir uma estrutura para a formação de um elevado tipo de homem, que representa o futuro da espécie.

Diante de tamanho desafio de análise, este breve escrito propõe-se a contribuir nesta discussão, objetivando retomar o conceito de docência, observar suas nuances e apontar previamente alguns caminhos possíveis. Com isso, de maneira dialética reveste-se de um tom provocativo, invertendo as certezas que parecem pairar sobre o posicionamento em relação ao sentido da identidade docente.

1 METODOLOGIA

¹Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia, 7º Fase - 1/2025. Universidade da Federal da Fronteira Sul, UFFS, Realeza-PR, Brasil. carolinagabriella8@gmail.com;

²Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia, 7º Fase - 1/2025. Universidade da Federal da Fronteira Sul, UFFS, Realeza-PR, Brasil. fernandataina@outlook.com ;

³Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia, 7º Fase - 1/2025. Universidade da Federal da Fronteira Sul, UFFS, Realeza-PR, Brasil. mar aantunes493@gmail.com

⁴Universidade da Federal da Fronteira Sul, UFFS, Realeza-PR, Brasil. Doutor em Educação, professor do Magistério Superior - Pedagogia - UFFS, marcio.marangon@uffs.edu.br.

O presente trabalho ancora-se sobre uma pesquisa de cunho qualitativo, alicerçando-se sobre uma pesquisa histórico-hermenêutica que visa dar suportes teóricos para a discussão sobre o sentido da identidade docente, isso, a partir de um olhar genealógico sobre conceitos e experiências.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Ao imaginar uma praça pública, dificilmente surge na mente uma referência à educação, mas foi nas antigas ágoras de Atenas que o um dos primeiros referenciais de ensino surgiu, bem como da identidade docente. O célebre filósofo, Sócrates, dedicava-se a pensar e discutir a realidade à sua volta, não pretendente de uma verdade única, mas preocupado com a construção de saberes adequados ao seu tempo. Em seus diálogos, preocupado com a democratização do saber, usava analogias para conceituar suas ideias, dentre elas, algumas que muito contribuem para entender o sentido da educação e do papel docente, como as que se relacionavam ao seu cotidiano familiar.

Filho de uma parteira e de um escultor, Sócrates utilizou de sua descendência para elaborar um sentido pedagógico metafórico em sua fala. Por exemplo, ao mencionar “revelar o que está oculto”, ele intencionava - após o esgotamento de todas as antigas ideias- revelar ideias que estavam ocultas. Com isso, visava pedagogicamente possibilitar o surgimento de novas formas de pensar, do mesmo modo que uma parteira ajuda a dar à luz a uma criança, ou seja, nos mesmos passos que sua mãe fazia em seu cotidiano: “Sua mãe, como parteira – sendo exatamente aí, neste momento, que a metáfora ganha sentido –, embora não seja diretamente quem dê a luz, possui um trabalho indispensável, auxiliando no nascimento de uma novidade, fazendo revelar-se o que permanecia oculto, encoberto.” (DALBOSCO, p.51, 2009).

A partir do modelo de seu pai, também deixa sua contribuição docente. Sendo um escultor, Sócrates compara o moldar de uma escultura com o “moldar” um sujeito. “Ora, “fazer brotar de dentro” significa respeitar os contornos indefinidos de uma forma incipiente e entregar-se à tarefa de moldá-la sem ter a certeza inicial do modo definitivo que ela ganhará ao final do trabalho.” (DALBOSCO, p.52, 2009).

Embora distante historicamente de nosso tempo, é possível observar que ambas metáforas socráticas têm relação direta com a identidade docente. Ser docente em Sócrates parece ter a ver tanto com o fator de moldar um sujeito para a constante renovação de ideias, fazendo-o confrontar sua cultura e suas certezas, como na função de ir mais a fundo e auxiliar o educando na tarefa de se auto descobrir.

Contudo, a partir das leituras e análises bibliográficas é possível observar que “o papel do professor tem evoluído ao longo da história da educação. A sua função vai se adaptando às demandas surgidas a partir do paradigma ou abordagem educacional relacionado ao momento (Júnior, p.128. 2023).” Com isso, pretende-se mencionar que atualmente, diante de tais transformações, somos impelidos a reorganizar nossas certezas sobre a importância e a função do docente para a educação.

Se na antiguidade o docente era visto como alguém que transmitia cultura, na idade média o ensino estava muito mais ligado à religião e aos conhecimentos teológicos, e, a partir da modernidade, o papel docente começa a ganhar funções mais “mediadoras”, passivas, flexíveis e adaptáveis com os pressupostos do sistema

mercadológico, que vai tomando conta de todos os setores sociais da maioria dos países, incluindo o Brasil. Esse novo modo de conceber o papel do docente atrela-se principalmente às necessidades do mercado de capital, o qual, em sua amplitude, carece de indivíduos desprovidos da capacidade de analisar. O que significa, que desvincula-se aqui, o papel “socrático” do docente, de lapidar para o questionamento, para a reflexão, para a construção constante de novas ideias, vinculadas ao autoconhecimento e ao conhecimento do mundo que o cerca.

Desse modo, atualmente, esse papel demonstra ser ainda mais complexo, e por isso é importante analisar as novas demandas da sociedade e da educação, para não perder o rumo ou a identidade daquilo que nos define como educação e como docentes. É importante sempre recordar que: “a pedagogia é uma reflexão teórica baseada nas práticas educativas e sobre elas. Investiga os objetivos sociopolíticos e os meios organizacionais e metodológicos de viabilizar os processos formativos em contextos socioculturais específicos.”(Libâneo; Pimenta, 1999, p.252).

Nesse sentido, a pedagogia busca ajudar a entender melhor a educação em como acontece, como também procura entender o porquê se educa, para quem e como isso pode ser feito da melhor forma, principalmente por meio de observação levando em conta métodos de ensino, cultura, sociedade, a realidade das pessoas entre outros. Assim a pedagogia busca demonstrar o papel do docente, e da educação, como papel fundamental para a transformação social, mais consciente e crítica e a partir disso vale ressaltar a importância do processo para a reconstrução da identidade docente sobre a formação inicial e continuada, para formar professores reflexivos, pesquisadores, críticos e dinâmicos, pois assim por meio da pesquisa e reflexão é que se pensa sobre a prática, e busca de uma forma crítica a fundamentação teórica, assim unindo a prática e a teoria. A identidade docente,

Constrói-se também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente no seu cotidiano a partir do seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações de seus saberes de suas angústia e anseios, do sentido que tem em sua vida o ser professor.(Pimenta,1996, p.19)

Isso significa que a educação é um processo que está em constante construção e transformação e, que a identidade perpassa o significado social da profissão docente, o qual também está em constante transformação. Mas isso significa que não teremos então uma identidade docente? Não, é o que poderemos ver a partir de Freire na sequência de nossas discussões.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para Freire(1996), o docente não só se configura como um formador, mas também um sujeito que aprende simultaneamente, sendo um processo de construção contínua que se dá na prática educativa, de modo que “não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro.” (p.13), pois ao mesmo tempo que o educador ensina, ele aprende.

Nesse contexto, a construção da identidade docente está ligada, principalmente, ao modo como o próprio educador compreende o seu papel social, político e ético na formação humana. Nas palavras de Paulo Freire a docência seria uma ação de coragem e amor, exigindo plena consciência crítica e

comprometimento com o ato de transformar a realidade. Em seu livro “*Pedagogia da autonomia*” ele menciona que:

É preciso sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. (Freire, p.13, 1996).

Desse modo é importante observar que o papel do docente vai muito além da visão social que muitos pressupõem: em que a tarefa docente seria ensinar transferindo informações. Para Freire, essa visão coloca o papel docente em um “educador com muito pouco de formador, com muito mais de treinador, de transferidor de saberes, de exercitador de destrezas.”(p.73,1996).

Logo, em Freire não se trata apenas do saber ensinar, mas de compreender o impacto dessa ação sobre o educando, assim como reconhecer a responsabilidade de “marcar” alguém por meio da educação para que, futuramente, esse alguém se torne um sujeito consciente, crítico e autônomo.

Na perspectiva freiriana, o educando deve ser visto como um sujeito que seja capaz de aprender a raciocinar, interpretar, compreender e transformar a realidade, sempre estando alerta com a possibilidade de educação bancária, já que essa, apenas deposita conhecimento no aluno, sendo o papel do docente repassar um conhecimento pronto, já formado.

E de que forma seria esse ensinar? Ele enfatiza que “ensinar não é transferir inteligência do objeto ao educando, mas instigá-lo no sentido de que, como sujeito cognoscente, se torne capaz de entender e comunicar o entendido.”(p.61, 1996).

Com isso, é necessário que o educador se coloque no papel de desafiador, que ultrapasse as linhas tradicionais e saia do modelo “transmissor”, de maneira que instigue os educandos a serem seres criativos e inquietos pela busca do conhecimento, como um ato de transformação e construção, ao mesmo tempo em que o próprio compreenda o seu valor e identidade docente durante esse processo educativo.

CONCLUSÃO

Assim sendo, compreende-se que o verdadeiro sentido da docência é mostrar caminhos, promover a conscientização, e não determiná-los. Com isso, apontamos que, o que deve ser marcado culturalmente é justamente os desígnios do autoconhecimento e a da criticidade, em que o docente assuma o compromisso e a responsabilidade em formar educandos críticos e conscientes, repensando sua função de simples mediador, para compreender seu papel ativo na formação das novas gerações.

REFERÊNCIAS

BRITO, L.P.L. **A Sombra do Caos**: ensino de língua x tradição gramatical. Campinas: Mercado de Letras, 1997.

DALBOSCO, Claudio Almir. **O mestre na praça: sentido pedagógico das metáforas socráticas**. REP - Revista Espaço Pedagógico, v. 16, n. 1, Passo Fundo, p. 50-57, jan./jun. 2009.

FREIRE, paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JAEGER, Werner. **PAIDEIA: A formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

JÚNIOR, João Fernando Costa et al. **Os novos papéis do professor na educação contemporânea**. Revena-Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem, v. 6, p. 124-149, 2023.

LIBÂNEO, José Carlos; PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de profissionais da educação: visão crítica e perspectiva de mudança**. Educação & sociedade, v. 20, p. 239-277, 1999.

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de professores: saberes da docência e identidade do professor**. Rev. Fac. Educ., São Paulo, v. 22, n. 2, p. 72-89, 1996. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551996000200004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 12 abr. 2025.